

Gabriela Neves Delgado
Mauricio Godinho Delgado

O QUE NASCE COM A PANDEMIA?

2022

 EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

1

INTRODUÇÃO



1.1. O QUE NASCE COM A PANDEMIA?

Viradas de séculos carregam, em simbologia, a expectativa de mudanças, renovações e progresso. Nos ritos de passagem, entre o tempo que se foi e o tempo do vir a ser, caminhos se abrem a infinitas possibilidades de avanços e de retrocessos civilizatórios.

No transcorrer dos séculos, o fluir histórico segue ininterrupto movimento, sendo o tempo o seu principal reflexo. A história caminha em ritmo lento e gradual, mas também pode ser impulsionada a grandes saltos, previsíveis ou imprevisíveis, mas por certo distantes do horizonte até então delineado. Isso significa que não há uma mecânica estática na

história, mas sim uma dinâmica viva, em constante mutação, e sempre permeada por *fluxos e refluxos*¹.

Muitos historiadores identificam as *emergências* (catástrofes ambientais, grandes guerras, conflitos armados, pandemias e epidemias, por exemplo) como *catalisadores do tempo histórico*. Tais eventos desabam sobre o tempo alterando e acelerando o seu fluxo por completo e, via de consequência, a própria marcha histórica².

A pandemia da Covid-19 irrompeu sobre o mundo, em 2020, como um novo catalisador do tempo histórico. Catástrofe epidêmica de proporção similar não era testemunhada há pelo menos cem anos, bem lembra Yual Noah Harari³.

Seus desdobramentos, cravados no cotidiano com avassaladora velocidade, provocaram mudanças em muitas coordenadas do século XXI. Por essa razão, vários pesquisadores do campo das humanidades afirmam que o século XXI se iniciou em 2020, sob o signo da Covid-19, desalinhado, portanto, do calendário oficial⁴.

Construção teórica semelhante foi articulada por estudiosos da história contemporânea, com destaque para Eric Hobsbawm, para quem o século XX teve início com a

-
1. DELGADO, Mauricio Godinho; DELGADO, Gabriela Neves. A Proteção e a Inclusão da pessoa Humana Trabalhadora e do Trabalho no Brasil: fluxos e refluxos. *Revista Jurídica Unicuritiba*, v. 4, p. 538-583, 2019.
 2. HARARI, Yual Noah. *Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus*. Tradução Odorico Leal. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 29.
 3. *Ibidem*.
 4. BASCHET, Jérôme. COVID-19: el siglo XXI empieza ahora. In: *Herramienta Web: Revista de debate y critica marxista*. La pandemia del capitalismo. n. 28. Publicado em Abril de 2020. Disponível em: <https://herramienta.com.ar/articulo.php?id=3180> Acesso em: 05/05/2020.

Primeira Grande Guerra (1914-1918), em razão dos impactos e desdobramentos decisivos por ela provocados no curso daquela era⁵.

De fato, a pandemia da Covid-19, e a crise multidimensional dela decorrente, foi o evento histórico mais impactante do século XXI, em suas duas primeiras décadas de existência. Por isso mesmo, faz sentido situá-la no *epicentro do século XXI*.

No entanto, compreendemos que, numa *perspectiva humanista*, inclusiva e civilizatória, uma nova era só terá início quando a humanidade for capaz de articular e proteger, em todos os quadrantes, o ser humano, o trabalho e a natureza que a circunda. Portanto, apesar de, em cronologia, estarmos no século XXI, ele ainda não nasceu⁶.

De fato, o que se sedimenta com a pandemia é uma *crise multidimensional* sem precedentes.

Vernáculo de origem latina, a palavra “crise” é rica de significados. Para o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, significa “alteração, desequilíbrio repentino, estado de dúvida e incerteza, tensão, conflito”⁷. Na mesma linha, o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa define a palavra a “crise” como “manifestação violenta e repentina de

5. HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

6. A frustração do nascimento de um novo tempo, seja um século, representando uma era, sejam dias ou meses, representando tempos cronológicos delimitados, pode ser apreendida, inclusive, na melhor literatura. Por exemplo, o poeta Alberto Bressiani declama, em verso do poema “Figo”, que “alguns dias não nascem”. A respeito, consultar: BRESCIANI, Alberto. *Incompleto Movimento*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. p. 79.

7. CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 228.

ruptura de equilíbrio” e “fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos fatos, das ideias”⁸.

A crise é um momento de intensificação de incertezas, período que se caracteriza por uma ambivalência constitutiva, segundo bem explica Edgar Morin: ou, em razão da crise, criamos “algo novo” com “soluções inovadoras”, ou “somos obrigados a regredir ao passado”. Portanto, para o autor, a crise é uma situação contraditória que revela, em si e simultaneamente, “a possibilidade do melhor e do pior”⁹.

Na perspectiva da subjetividade, o que se nota é que os seres humanos reagem às situações de crise, impostas por mudanças abruptas, rupturas, traumas ou perdas, com comportamentos diversos: “alguns se sentem apequenados e enfraquecidos, por isso paralisam, ameaçados pelo sentimento de impotência ou desamparo, outros são impulsionados e energizados, sendo capazes de abandonar a zona de conforto e seguir em frente, mesmo que por outras trilhas”¹⁰.

A crise pandêmica demonstrou a completa irracionalidade da ideologia neoliberal dominante em partes significativas do Ocidente e particularmente na América Latina, com o seu projeto de livre mercado absoluto, de ausência de políticas públicas, econômicas e sociais desenvolvimentistas e de distribuição de renda, de desconstrução dos direitos sociais, ao lado

8. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: 1986. p. 500.

9. MORIN, Edgar. *As Possibilidades da Crise*. Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://www.frenteiras.com/videos/as-possibilidades-da-crise>. Acesso em: 12/2/2020; MORIN, Edgar. *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*. Tradução Ivone Castilho Benedetti; Colaboração Sabah Abouessalam. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

10. DELGADO, Gabriela Neves. *Apresentação da Revista LTr*. n. 84. São Paulo: LTr, 2020.

do severo desprestígio do papel do Estado e das instituições públicas, salvo como indutores ou abalizadores da concentração de renda e da desigualdade.

A pandemia escancarou, assim, as desigualdades do capitalismo periférico com todas as suas vicissitudes, denunciando, no mundo do trabalho, o lado mais perverso e mercantilizado das relações trabalhistas, aqui estruturadas tanto sob o prisma das tradicionais formas de exploração latino-americanas, como sob o enfoque das criações legislativas ainda mais precarizadoras, a par das inovações tecnológicas digitais, explicitando um insaciável “sistema de metabolismo antissocial do capital”, assim intitulado por Ricardo Antunes¹¹.

No Brasil, a crise de feições política, sanitária, social, ecológica e trabalhista, já em curso desde alguns anos, foi dilatada com a pandemia, trazendo consigo um sentido de volatilidade, abandono e insegurança inimagináveis na atualidade. É que, neste cenário de amplificada imprevisibilidade e desamparo, não há elementos suficientes para se depreender, com clareza, quais mudanças e renovações serão possíveis no tempo da travessia.

Por certo, se não forem assimiladas as lições da crise da Covid-19, em seus âmbitos sanitário, econômico, social, ecológico, trabalhista e institucional, a nova era realmente não começará. Com isso, a crise restará como mais um instrumento de aprofundamento da exclusão, desigualdade, discriminação, exploração e miséria.

É preciso disputar o futuro do pós-pandemia e escolher o que a crise fará de nós.

11. ANTUNES, Ricardo. *Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Boitempo, 2020.

1.2. COVID-19: UMA CRISE PANDÊMICA MULTIDIMENSIONAL

A Covid-19 provocou uma *crise pandêmica complexa, instantânea, profunda e multidimensional*.

Trata-se de uma crise de *ampla extensão*¹², pois “o novo coronavírus se difundiu como um rompante por todo o globo, avolumando-se do extremo oriente ao extremo ocidente, de norte a sul, do centro à periferia, sem limites”¹³.

Na *dimensão longitudinal*, a pandemia se exterioriza como uma crise profunda e de longa duração, cujos efeitos sociais, econômicos, ecológicos e trabalhistas seguramente se prolongarão no tempo histórico, apesar da crescente imunização das pessoas por vacina.

Caracteriza-se, ainda, como uma *crise de dimensões transversais*, apresentando em si um entrelaçamento de múltiplos fatores, “no qual a realidade biológica do vírus é indissociável das condições sociais e sistêmicas de sua existência e difusão”¹⁴. Por isso, a pandemia deve ser tratada como um *fenômeno polissêmico e multicausal*, imbricado pelo entrelaçamento

12. Classificação das “dimensões”, conforme: AZEVEDO, Francisco Ferreira. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/thesaurus*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016. p. 75-87.

13. DELGADO, Gabriela Neves; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; DELGADO, Mauricio Godinho. Lições da Pandemia para o Mundo do Trabalho. *Revista Humanidades*. Brasil Pandêmico: o espanto e a dor diante da Covid-19. n. 64. Publicado em: Dezembro de 2020. Disponível em: http://www.editora.unb.br/downloads/v4_RevistaHumanidades64_impresso_PagDupla_Web.pdf. Acesso em: 02/03/2021.

14. BASCHET, Jérôme. COVID-19: el siglo XXI empieza ahora. In: *Herramienta Web: Revista de debate y crítica marxista*. La pandemia del capitalismo. n. 28. Publicado em Abril de 2020. Disponível em: <https://herramienta.com.ar/articulo.php?id=3180> Acesso em: 05/05/2020.

de questões biológicas e raciais, de classe e gênero, de precariedade e trabalho.

Conforme bem caracterizou Edgar Morin, trata-se de uma *megacrise*, estruturada pela combinação de outras crises (políticas, econômicas, sociais, ecológicas, nacionais, planetárias), “com componentes, interações e indeterminações múltiplas e interligadas, ou seja, complexas, no sentido original da palavra *complexus*, ‘o que é tecido junto’”¹⁵.

É também uma crise em que se fazem presentes as *dimensões da proximidade e da distância*. Assim, ao mesmo tempo em que seus efeitos atingem e se aproximam do cotidiano das pessoas, consideradas suas particularidades e experiências individuais, eles também transcendem o ambiente doméstico, projetando-se à distância, quer na comunidade mais próxima, em âmbito regional ou em escala global. Por isso mesmo é que as medidas de combate à propagação da pandemia dependem, em certa dimensão, sem dúvida, de ações individuais, sobretudo pela necessária mudança e/ou aperfeiçoamento de hábitos higiênicos. Porém, ainda em maior grau, dependem, sim, de ações estruturais de grande porte, apoiadas em políticas públicas orgânicas, arquitetadas e/ou efetivadas mediante a atuação dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), desde que comprometidos com um projeto de Estado Democrático de Direito e seu efetivo Estado Social, inclusive com esteio em uma ciência forte, com instituições científicas e universitárias valorizadas¹⁶.

15. MORIN, Edgar. *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*. Tradução Ivone Castilho Benedetti; Colaboração Sabah Abouessalam. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. p. 21. (grifos no original).

16. Sobre o conceito de Estado Democrático de Direito, oriundo do Constitucionalismo Humanista e Social do pós-Segunda Grande Guerra, firmemente internalizado pela Constituição de 1988, com sua ampla incorporação de um efetivo Estado Social (ou Estado de Bem-Estar Social), consultar: DELGADO,

Por toda a sua abrangência e complexidade, a pandemia da Covid-19 é um desafio para o século XXI.

Se o mundo pós-pandemia está em disputa, algumas reflexões vêm à tona: Como participar do presente e contribuir para as transformações do futuro? É possível espelhar uma cultura humanista, inclusiva e civilizatória no futuro que está por vir?

Notem que tais reflexões estão situadas em meio às experiências reais de um presente vivido – o que é um desafio para a prospecção de futuro. Ainda assim, algumas reflexões já se configuram com clareza.

13. “EMOCIONÁRIO” DA PANDEMIA

Muitas são as vias de interpretação da realidade pandêmica. Aqui, ofertamos um caminho de reflexão possível. *A ideia é trazer a experiência das emoções e sentimentos, reconhecidos e vivenciados na pandemia, para o centro da escrita.*

As emoções são universais e “sentir é um privilégio do ser humano”, bem lembra Rosa Collado Carracosa, ao tempo em que também destaca a importância de se reconhecer e de se expressarem as emoções para o ganho de convivência e o melhor enfrentamento dos desafios da vida¹⁷.

Mauricio Godinho, Constituição da República, Estado Democrático de Direito e Direito do Trabalho. In: DELGADO, Mauricio Godinho; DELGADO, Gabriela Neves. *Constituição da República e Direitos Fundamentais – dignidade da pessoa humana, justiça social e Direito do Trabalho*. 4. ed. São Paulo: LTr, 2017, p. 44-48.

17. CARRACOSA, Rosa Collado. *Prefácio*. In: PEREIRA, Cristina Núñez, VALCÁRCEL, Rafael R. *Emocionário: Diga o que você sente*. Tradução de Rafaella Lemos. Rio de Janeiro: Sextante, 2018. (grifos no original).

Para a autora,

“Emoções são estados afetivos inatos e automáticos que afetam nosso corpo, nossa mente e nosso comportamento. (...). Sentimentos são a tomada de consciência dessas emoções. Eles servem para expressar nosso estado emocional de maneira mais racional para os outros e para nós mesmos”.

A proposta de humanizar o debate e de identificar emoções e sentimentos como fios condutores da presente obra pareceu-nos intrínseca ao projeto de escrita compartilhada e de decantação da crise pandêmica.

Inspirados no dicionário de emoções de Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel, por eles denominado de “Emocionário”¹⁸, apresentamos textos breves sobre as relações do sujeito no mundo pandêmico (com a natureza, o trabalho, a ciência, o estado, por exemplo) e, sobretudo, sobre como algumas emoções e sentimentos foram eventualmente extravasados nesse período de crise, sendo este o tônus da obra.

As análises foram desenvolvidas no tempo da pandemia, formuladas em respeito à miríade de estados de ânimo que nos tocaram à época da escrita, sem que fosse possível, por óbvio, um distanciamento do objeto de investigação, porque vivemos a pandemia, estando nela submersos.

Optamos por construir e experimentar um texto não usual no campo do Direito. Ou seja, não há pretensão de se estruturar um livro de base estritamente dogmática, apesar de

18. PEREIRA, Cristina Núñez, VALCÁRCEL, Rafael R. *Emocionário*: Diga o que você sente. Tradução de Rafaella Lemos. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

nos guiarmos pelos fundamentos teóricos do Direito, sobretudo os constitucionalizados.

Outro ponto a ser esclarecido é que este é um livro que dialoga significativamente com autores e teorias do campo das Humanidades, no conjunto utilizados como suporte para uma escrita interdisciplinar, livre e sem rótulos, a que nos propusemos a fazer.

Em acréscimo, é importante registrar que não houve intenção de se esgotarem as reflexões aqui propostas; primeiro, porque emoções e sentimentos nos tocam com vastidão, o que impossibilita uma escrita dual definitiva sobre o tema; segundo, porque emoções e sentimentos são próprios ao campo da subjetividade, se constituindo em franco movimento e, portanto, variando, em representações simbólicas e em graus de intensidade, ao longo da vida de cada pessoa; terceiro, porque a pandemia se apossou de uma realidade social de desigualdade sistêmica, com múltiplas variáveis e conflitos complexos e latentes, sobretudo para o sul global; e, quarto, porque o dinamismo pandêmico, com eventos recorrentemente superados e/ou modificados num curto espaço de tempo (como, por exemplo, a rápida velocidade do vírus e sua possibilidade constante de mutação), dificulta uma escrita pronta e acabada.

Para viabilizar o projeto idealizado, elegemos 08 (oito) emoções e/ou sentimentos refletidos na pandemia como fios condutores da obra. São eles: assombro, medo, tristeza, melancolia, desamparo, gratidão, tranquilidade e solidariedade.

Essa escolha se justifica, porque o processo de aprendizado se expande por todas as direções, sendo fortalecido por conexões emocionais (a emoção guia a atenção, por exemplo), sem prejuízo das fundamentações racionais do campo da Ciência, é claro.

Para a estruturação da obra, cada capítulo se concentra em uma emoção, com uma proposta cronológica que se aproxima “ao máximo da ordem natural”, mas não absoluta, “em que ocorrem os sentimentos”, em observância às lições de Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel¹⁹.

Ao percorrer o catálogo das emoções indicadas, desde as de difícil e dolorosa assimilação até as nutritivas e apaziguadoras, a perspectiva é que possamos reconhecer o que nos toca na pandemia, o que conseguimos ver a partir dela e como avaliamos um processo que ainda está em curso.

Este caminho fará ainda mais sentido se ganharmos potência para disputar um “novo modo de vida”, em contraposição à precariedade e à degradação do atual sistema capitalista, na linha já consolidada por Ricardo Antunes²⁰. Afinal, o ser e o estar no mundo só têm significado se formos capazes de ultrapassar a esfera individual e suas demandas particularizadas, para nos imergirmos, ética e politicamente, no coletivo, e com pertencimento.

É infundável a capacidade do sistema capitalista de produzir barbáries. Ainda assim, se formos capazes de perseverar e de disputar um novo projeto de mundo, com prioridades políticas humanistas, inclusivas e civilizatórias, maiores serão as possibilidades de abertura para uma nova era, de fato potente e humana.

19. PEREIRA, Cristina Núñez, VALCÁRCCEL, Rafael R. *Emocionário: Diga o que você sente*. Tradução de Rafaella Lemos. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

20. ANTUNES, Ricardo. *Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Boitempo, 2020.

2

SÉCULO DE assombros



Em dezembro de 2019, as autoridades chinesas emitiram o primeiro alerta à Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre uma série de casos de pneumonia de causa desconhecida, identificadas em Wuhan, capital e maior cidade da província de Hubei, na China, e para a qual não havia imunização específica. Mas o caos parecia longe demais. Assim, na outra ponta do globo, em alguma medida descrentes do problema que se avizinhava, insistíamos em seguir o calendário oficial e em manter os compromissos cotidianos previamente ajustados. Na outra ponta do globo, em alguma medida descrentes do problema que se avizinhava, insistíamos em seguir o calendário oficial e manter os compromissos cotidianos previamente justados.

Em janeiro de 2020, o código genético do novo coronavírus foi divulgado, na qualidade de informação pública: *Sars-Cov-2 é o vírus. A doença infecciosa dele decorrente é a Covid-19.*